

O Problema da Angústia The Problem of Anxiety El Problema de la Ansiedad

Luiz Carlos Teixeira Bohrer

*“And it’s a hard, it’s a hard, it’s a hard, and it’s a hard
It’s a hard rain’s a-gonna fall” – Bob Dylan, músico*

Resumo

Este trabalho se propõe a resgatar o conceito de angústia em seu protagonismo na Psicanálise, apresentando-o nas suas sutis variações teóricas mesmo em Freud, suas apreensões clínicas e seu estatuto atual. Neste movimento, a angústia é evocada em direção à sua potência onde subsiste na exigência de possíveis, na criação de territórios, na configuração de espaços transicionais de subjetivações pré-individuais. A linha que perfaz tais processos cerze com os elementos cognitivos, cujos funcionalismos habituais de resolução de problemas não resistem à afirmação da angústia, sendo levados, ao contrário, a composições inventivas na esteira da positividade do problema da angústia.

Palavras-chave: angústia; cognição; criação

Abstract

This paper aims to rescue the concept of anxiety in their role in psychoanalysis, describing it in its theoretical subtle variations even in Freud, its clinical seizures and status today. In this movement, anxiety is raised toward its power where the it lays on the demand of the possible, the creation of territories, in the setting up of transitional spaces in pre-individual subjectivity. The line that makes these processes mending with the cognitive elements, whose usual features of solving problems can not resist the assertion of anxiety, and led, instead, the inventive compositions in the wake of the positivity in the problem of anxiety.

Keywords: anxiety; cognition; creation

Resumen

El presente trabajo pretende rescatar el concepto de ansiedad en su protagónico rol en el psicoanálisis, presentándolo en sus sutiles variaciones teóricas, aún en Freud; sus aprensiones clínicas y su estatuto actual. En este movimiento, la ansiedad es evocada en dirección a su potencia en donde subsiste en la exigencia de posibles, en la creación de territorios, en la configuración de espacios transicionales de subjetivaciones preindividuales. La línea que atraviesa tales procesos zurce con los elementos cognitivos, cuyos funcionalismos habituales de resolución de problemas no resisten a la afirmación de la ansiedad, son, en cambio, llevados a composiciones innovadoras en la estela de la positividad del problema de la ansiedad.

Palabras clave: ansiedad; cognición; creación

Introdução

Este trabalho propõe-se a articular alguns elementos provenientes de duas áreas distintas da psicologia em seus respectivos métodos de investigação e produção de conhecimento: a clínica e o cognitivismo, compreendendo estes não como disciplinas estagnadas, em que uma seria usada para entender a outra, mas uma desafiando a outra a se reinventar, estabelecendo agenciamentos, produzindo devires. Trata-se, portanto, não de produzir na relação dialética uma nova disciplina, técnica interdisciplinar que, entre outras coisas, forjou a Psicologia Cognitiva, mas levar adiante, ao extremo tanto as escutas clínicas, em especial a psicanalítica e outras que se relacionam com a filosofia, quanto o estudo da cognição, no intrincado tema da angústia. A escolha desta abordagem para este tema deve-se por sua inscrição inespecífica na consciência, sensação de algo que não se sabe o quê ou de onde vem, algo ao mesmo tempo inapreensível à lógica racional no sentido que

não encontra representação, sendo, portanto, estranho aos esquemas mentais, mas que mobiliza processos cognitivos como a atenção e memória. Sabe-se que algumas circunstâncias a suscitam, a solidão, por exemplo, o que pode ser evidenciado pelas falas de pacientes na clínica e na abundância de versos e prosas românticos sobre o assunto. A sensação corpórea da angústia acaba sendo traduzida por ameaça, um problema, sendo colocada como sintoma em diversas psicopatologias, presente, sobretudo no grupo dos Transtornos Ansiosos e Depressivos.

Papel mais central ocupa o estudo da angústia para a Psicanálise, em que Freud estabelece que a perda do objeto necessário nos primeiros anos de vida é fator determinante à angústia, que se revisita convertida em ansiedade de castração e depois, ao longo da vida, como perda do objeto investido pulsionalmente. A manifestação da falta do objeto através da angústia assinala a incompletude do sujeito, a angústia sentida é a presença do outro no sujeito a partir de sua ausência, é a marca da incompletude do sujeito. Porém, o sujeito

nada sabe desta afecção, sente-a, apenas, como sinal da perda do objeto internalizado, sinal inconsciente de que suas pulsões não são satisfeitas, que a plenitude da existência do ser não é alcançada. Esta falta e a angústia proveniente dela viriam a pautar as escolhas do sujeito, bem como suas relações com seus objetos, a satisfação é sempre parcial porque o objeto original foi perdido e esquecido, e desta satisfação parcial para o fastio, angústia, para novamente buscar sua satisfação parcial, quando não a ancoragem de um sintoma.

Percebe-se aqui o quanto o cognitivismo e a Psicanálise estão implicados com o problema da angústia, e a Psicologia se ocupa em “resolver” este problema. Que forças estão em jogo na malha da angústia? O que fazer com a angústia? Este fazer com a angústia redundando em agenciamentos coletivos de enunciação, depende de que agenciamentos são feitos, se são os patologizantes, os normatizantes ou os diferenciadores. Com os patologizantes, pode-se, simplesmente, “deixar rolar”, responder à angústia neuroticamente através de obsessões, compulsões ou ainda evitá-la fobicamente, vivendo no horror da ameaça da perda do objeto e da integralidade do ego. Com os agenciamentos normatizantes, configurar-se-ia a redução da sensação de angústia, um apaziguamento de suas tensões para que o indivíduo possa fazer escolhas racionais, trabalhar no sentido de aceitar a própria incompletude, vivendo a plenitude através de suas satisfações parciais. Os diferenciadores articulam a angústia com a Psicologia Cognitiva em seus limites, a partir de autores como Virgínia Kastrup, Pierre Lévy e Francisco Maturana, e a Psicanálise freudiana e winnicottiana, em que a angústia indicaria um sinal de algo porvir, mas que subsume o processo de diferenciação, de devir a partir de um esforço de atenção de si e outros elementos da cognição. Cabe, antes, um breve esclarecimento a respeito da tradução de “Angst” para as edições em português das obras de Freud, que foi feita a partir da edição inglesa, “Anxiety”, guardando certa ambigüidade à tradução brasileira, já que se vê a confusão entre “Ansiedade” e “Angústia” e seus significados. A confusão não se restringe ao uso terminológico, mas também conceitual, porque o próprio Freud (1972b) busca uma definição mais restrita à origem do agente formador da angústia, que seria ora exógeno, ora endógeno, assumindo maior interesse por este último. Assim como para os psicanalistas brasileiros, que privilegiam este significado junto com adoção do termo “Angústia” correspondente a “Angst”, em alemão, que é o tratamento dado neste artigo.

A Angústia: Problema

O conceito de angústia ocupa lugar central na extensão de todo estudo psicológico, de diferentes teorias. A Psicopatologia compreende a angústia como sintoma na caracterização de várias doenças

psicológicas, descrevendo-a tal qual uma sensação corpórea sem uma causa imediata perceptível, ou seja, sem a existência de um perigo real que a desencadeasse. São os Transtornos Ansiosos que reservam ao sintoma angústia um lugar entre seus principais indicadores, assim como também os Transtornos Afetivos, a Depressão, em especial, descritos em vários artigos sobre Psicodiagnóstico e também no documento oficial da Organização Mundial de Saúde para a classificação das doenças, a saber, o CID 10 (Organização Mundial de Saúde, 1997). Neste mesmo documento, encontra-se a “Angústia de Separação”, diferenciada de seu Transtorno por sua intensidade, persistência e comprometimento das funções sociais normais. O presente artigo não tem a intenção de desqualificar ou se contrapor às definições e apreensões da abordagem diagnóstica, mas apresentar um outro modo de compreender este fenômeno que, por vezes, vai se aproximar e se distanciar do foco psicopatológico.

É já em uma primeira aproximação com as diretrizes diagnósticas atuais que se destaca a relevância do tema da angústia para a Psicanálise. A angústia se define como afecção corpórea, inscrita no corpo, mas sem uma gênese orgânica aparente ou explicação fisiológica, senão a partir de fatores psicológicos, o que geraria uma indeterminação a respeito de sua etiologia para as ciências médicas. Com o “Projeto para uma Psicologia Científica”, o esforço de Freud (1972a) em tentar realizar uma Psicologia seguindo diretrizes das ciências biológicas, partindo de estudos da Fisiologia, é considerado um fracasso por muitos, sendo descartada sua relevância tanto para a História da Ciência quanto por grande parte dos Psicanalistas.

Entretanto, foi a partir destes estudos que Freud esboçou uma tese energética do psiquismo, que viria dar contornos à relevância do conceito de angústia para a Psicanálise. A centralidade do tema da angústia para a Psicanálise, em seus primórdios, reside na escolha do Princípio de Constância como postulado fundamental. Este Princípio sustentava que havia uma tendência do aparelho psíquico em manter constante ou reduzir o grau de excitação presente no sistema nervoso, de onde a angústia seria a quantidade de libido não descarregada que sobrava diante das tentativas de conter tal excitação. Arraigado sobremaneira em determinantes físico-químicos, Freud (1972b) não atribuía causalidade psicológica ao surgimento do fenômeno da angústia, mesmo após conceber os conceitos de repressão e inconsciente: angústia era libido reprimida que reaparece transformada.

É importante relatar que esta tese vigorou durante vários anos, durante boa parte da produção teórica freudiana, com pequenas modificações em razão de que no próprio pensamento freudiano, outros conceitos foram surgindo. O Princípio do Prazer foi estabelecido, de onde a energia libidinal se opunha à dureza da realidade acarretando em sua insatisfação,

prazer era reduzir a tensão, o sofrimento. Pode-se, aqui, atribuir a esta tese sobre a angústia que se trata de uma tese energética, em detrimento das postulações posteriores, e salientar que angústia é, via de regra, excesso de libido transformada. Mesmo transformada, o afeto aparece para sinalizar a libido excedente de forma indireta e em sensações corpóreas das mais diversas, tornando-se insuportável para alguns no modo de lidar com essa afecção, utilizando-se de idéias ou ações (compulsões), nos casos de neuroses, para evitar angústia. Seria como se os sintomas fossem criados para evitar o estado de angústia, evidenciando seu papel de formador de sintomas e na obliteração da libido excedente, tese defendida em “Inibições, sintomas e ansiedade” (Freud, 1972b).

Na verdade, a questão do afeto vai aparecer na obra de Freud também para repensar a sensação de angústia, já que afeto pode ser definido na composição de libido e idéia, ou seja, de uma energia libidinal, muitas vezes reduzido à função fisiológica, mais uma idéia formada por reminiscência de um fato. A repressão (ou recalque) agiria dissociando a libido da idéia e a angústia seria o retorno do afeto e, com isso, a ameaça do evento traumático, do fato, em forma de sinal. E o que tem de tão terrível nesta libido que deve ser modelada, formando o mal-estar da angústia? Qual é o perigo dessa libido? Porque ela remete a uma idéia insuportável, que foi reprimida e que só é perceptível sob a forma de angústia, segundo o arranjo do ego para reduzir os danos. A libido segue transformada em angústia, que não guarda rastros da idéia que a originou, mas indícios para se construir um caminho de retorno, eis o empenho da Psicanálise, seu sentido analítico. Para tanto, nas “Novas Conferências Introdutórias”, Freud (1972c) debruça-se sobre o Complexo de Édipo no qual encontra a angústia original num temor externo, “real”, da castração. Este “real” – entre aspas, remete à realidade da ameaça para a criança, da idéia de vir a ser castrado, no menino, e da possibilidade de perda do objeto investido de libido: a mãe, já que impediria a realização de sua união com este objeto. O temor à perda do amor da mãe, que ocorre na menina, provém de uma experiência da ausência desta mãe. Com isso, em ambos, instaura-se a incerteza e o perigo de que não teriam suas necessidades saciadas: de uma ameaça “real”, a partir de uma experiência de vida, para um perigo sentido, a partir de uma idéia de perda, de falta; a engenharia da angústia, sem desprezar as funções energéticas, libidinais, remonta a atuação da angústia para o psiquismo, mais condizente com as mediações entre Id, Ego e Superego. Nesta segunda definição, mais comum nos discursos psicanalíticos, a angústia em geral seria o retorno da sensação de ameaça de perda do amor materno, do próprio objeto de completude do ser, de antecipação à experiência traumática, mas que este ser de nada sabe sobre o objeto, sobre a idéia original recalçada. Dela apenas experienciou o afeto de angústia que sinaliza uma falta,

um vazio, um sinal de desamparo, da antecipação de um perigo, promovido pelo ego para se proteger do retorno desta experiência traumática, que não se sabe o que é, que sobressalta o sujeito e ao qual deve dar cabo de alguma forma. Apresentado o funcionamento da angústia e seguindo com a Psicanálise, as propostas de maneiras de se lidar com esta angústia se expressam de diversas formas, além da escuta psicanalítica.

Na cultura, tanto ocidental quanto oriental, lança-se mão de estratégias para se lidar com o sofrimento interno, caracteristicamente análogo à angústia, mesmo que definido de diferentes modos. Freud os analisa em seus chamados “textos sociais” como o ser humano lida com este sofrimento decorrente da insatisfação das pulsões (libidinais), onde se tende a procurar aniquilar as pulsões como defesa contra o sofrimento nas técnicas orientais, levando ao sacrifício da vida e sujeição ao princípio da realidade, em detrimento da libertação da dependência das pulsões na obra “Mal estar na civilização” (Freud, 1972d). De forma semelhante, a proteção contra o desamparo infantil é o que empresta aspectos característicos à reação do adulto ao desamparo que se vê obrigado a reconhecer, uma reação que constitui precisamente a formação da religião no texto “Futuro de uma ilusão” (Freud, 1972e).

Esta busca por substitutos, este meio de organizar a vida segundo um Princípio do Prazer, onde o sofrimento é mais corriqueiro, de ameaça ao corpo, do mundo externo e dos relacionamentos. Desta forma, o princípio do prazer se transformou no mais modesto princípio de realidade, em que menos sofrimento equivale a ser mais feliz, redundando no que se poderia ler como um apequenamento do homem, no sentido nietzscheano. Cabe aqui, a seguinte pergunta: como um excesso, articulado na falta simbólica em sua plasticidade, encontra a saída de um conformismo neurotizado dos substitutos, sua forma mais degradante da vida e sua patologização?

O papel do terapeuta no tratamento e as forças constituintes da relação transferencial passam a ser importantes neste momento. Se esta relação se interpõe à angústia, de forma análoga aos substitutos culturais, mas com o controle do ego por parte do psicanalista, poder-se-ia trabalhar no sentido de reduzir a determinação deste ego em se proteger do trauma com a formação da angústia. Ao mesmo tempo, trata-se de desvencilhar o ego de atender às demandas pulsionais, de buscar uma libertação destas que atuam como forças imperativas, exigentes de realização, de prazer. O problema é que estas forças atuam em nível inconsciente, onde o conflito psíquico se instaura de forma a afastar aquilo que assusta, mesmo desconhecendo saber do que é. Os impulsos inconscientes não desejam ser recordados da maneira pela qual o tratamento quer que o sejam, mas esforçam-se por reproduzir-se de acordo com a atemporalidade do inconsciente. Dizer ao paciente, utilizando-se da

sugestão psicanalítica, não dá conta das resistências, trazer à tona estas resistências se mostrou um método fracassado, pois o paciente não vai conseguir recordar o recalado, não se consegue atingir o inconsciente; o material não é recordado, é, sim, atuado (repetição). Em “A dinâmica da transferência”, Freud (1972f) deu o nome a isso de neurose de transferência por ser induzido pelo médico e era utilizado de maneira a levar o paciente a reexperimentar parte de sua vida esquecida, mas colocando-a como datada, um reflexo do passado. O caráter ambivalente da transferência fala da afeição e hostilidade onde, segundo Freud (1972g) a aliança com o analista é determinada narcisicamente, “querer ser amado”, conseguir o “aplausos e amor” do analista; com isso, o analista passa a se apoderar do ego, a contar com o poder do ego. Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida instintual, entre a compreensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência. Assim, a Psicanálise de Freud não se bastou em interpretar e revelar ao paciente o “verdadeiro” sentido. Juntamente com o paciente, a Psicanálise procurou, então, verificar se o sentido construído estava de acordo, tal qual a memória do paciente; é com esta memória que a construção da análise se articulava – através da tentativa/erro, suscitando insights. Há uma conciliação dos afetos do inconsciente com a consciência da memória, na medida em que seu acesso acontece subitamente, mediada pelo ego atuante nas funções simbólicas, antes de um novo empenho de ser recalado e devém o início do processo de cura. As condições para que este processo sobrevenha são muito especiais, próprios de uma relação transferencial de confiança e seu manejo apropriado, ainda que investidas de afetos contraditórios donde o paciente vai atuar sua história. Trata-se de um trabalho arqueológico com artefatos peculiares respondentes tanto à história familiar privada do indivíduo, quanto a afetos e lembranças na memória atual à disposição da evocação por parte do paciente. O passado familiar encontra, no presente do setting psicanalítico e da sensação de angústia, a possibilidade de sua ressignificação, que resulta na dissolução da conflitiva psíquica com este insight. Descrevendo, a grosso modo, seria como se o esforço do psicanalista residisse em fazer com que o afeto do paciente, que se dirige a ele, retornasse ao paciente com ordenação simbólica capaz de incitar o paciente à atuação, rebatendo imediatamente em suas lembranças conscientes, reordenando-as.

Retomando a pergunta a respeito do apequenamento do homem em seu conformismo neurotizado dos substitutos, segue-se com a Psicanálise para problematizar clínica e teoricamente a constituição desta figura humana em seus desassossegos estruturados familiarmente. Mas agora também na companhia do célebre psicanalista D. W. Winnicott, onde o problema da angústia passa a ser

trabalhado diferentemente em sua gênese e em seu desenvolvimento no trabalho terapêutico, a partir da proposta deste artigo.

No texto “Esboço de Psicanálise”, Freud (1972g) refere que o primeiro objeto sexual surge durante a amamentação onde o bebê elege, através das necessidades alimentares, o seio materno que no início a criança não distingue do próprio corpo. Quando ocorre a separação, a criança, então, desloca para a mãe como um todo, pois é a quem dela cuida, daí as catexias libidinais narcísicas originais. Esse fenômeno de sedução, ressalta Freud (1972g), é observado tanto no sexo masculino quanto no feminino e distinção acontecerá quando a menina inveja o pênis e o menino teme a castração.

A perda do objeto original, referido pela Psicanálise, ocorre na separação do bebê do seio materno, objeto de saciação das pulsões libidinais apoiadas na necessidade nutricional, de sobrevivência. Este é o momento de superação de uma fase que o bebê se encontrava plenamente satisfeito, confortável numa zona de indeterminação em relação à mãe e de repente é exigido que se individualize, expulso de sua relação simbiótica, onde o desejo fluía nos corpos indiferenciados. A partir daí, haverá uma fase de transição desenrolando-se um processo gradual de diferenciação mãe-bebê, mais ou menos permeados por fenômenos transicionais, estudados por Winnicott (1975).

Estes fenômenos ajudam o bebê a descobrir o mundo externo em sua relação com o mundo interno, aquilo que é seu daquilo que é exterior a si e delineando o seu corpo através da manipulação de objetos substitutivos ao seio materno, mas com encontros fortuitos com o mesmo. Os objetos manipulados vão passando a fazer parte de um não-eu e, gradativamente, vão sendo desinvestidos, descateixizados (Winnicott, 1975). Tais fenômenos são importantes não apenas para o desenvolvimento “normal” do sujeito por minimizar os efeitos traumáticos dessa fase de transição, este limbo subjetivo em que o bebê vive nesse período, mas atenta para a existência de um processo de individuação em conexão com a angústia, com a indeterminação do corpo.

Portanto, resgatar os fenômenos transicionais seria resgatar a pré-individualidade experiencial do sujeito em sua incompletude mais potente, que o leva a criação de mundos na alternância de mundo interno e externo, ao invés de impor-lhe um objeto diferenciado de si. O desconhecido passaria a ser vivenciado como abertura. O problema da angústia para a Psicanálise é sua correspondência com a cena primordial, da necessidade de ressignificá-la, quando se impõe uma força de abertura e o reconduz a seu ambiente doméstico, ainda que a própria angústia não o reconheça. Em Winnicott (1975), este retorno a esta experiência de ruptura talvez não reservasse tanto terror se se mantiver consonância com os fenômenos

transicionais, territórios existenciais provisórios e pré-individuais.

A angústia sentida como defesa ao terror do desamparo, da falta, transmutaria em estranhamento de si, em alteridade vivenciada no espaço transicional constituinte, guardando suas características de sinalizador, de excesso e de exigência, postulados por Freud no desenvolvimento de seu pensamento. Ao ego não caberia tanto a tarefa de autodefesa, reativo a possíveis perigos, mas antes uma tarefa ativa (Giacóia Jr., 2001), nada tem-se a temer do retorno e do sofrimento. O problema da angústia passa a ser esta desacomodação sem uma resolução, sem um par, sem um objeto com uma qualidade extensiva e investida de afeto, mas com a função de exigir para si a criação de um outro corpo na relação com o mundo.

O Problema: Angústia

Ao se tratar a angústia como um problema, imediatamente evidencia-se um esforço por uma resolução, sobretudo porque se fala de uma afecção desagradável, considerado muitas vezes um sintoma e, para a Psicanálise, um sinal de perigo iminente. Falando assim, o problema da angústia assume uma certa natureza conceitual e praticamente homogênea nos discursos científicos, que poderiam estar situados por Foucault (1984) na corrente epistemológica da “analítica da verdade”, divergente mas não conflituosa em relação à outra corrente epistemológica da modernidade, a “ontologia do presente”.

Foucault apresenta uma reflexão à obra de Kant, denominada “O que é o Iluminismo?”, na qual o filósofo alemão avalia as práticas discursivas contemporâneas. Tal reflexão conclui que Kant funda, apresenta e se encontra no ponto de bifurcação entre estes dois eixos, na qual a “analítica da verdade” instaura a questão das condições sobre as quais um conhecimento verdadeiro é possível. Tomar o conceito de angústia como algo natural é investir nele um conhecimento estável com status de verdade, profundamente conhecido e, portanto, invariável em sua essência. Este eixo, como foi dito, pauta o conhecimento científico, estabelecendo métodos de investigação provenientes do Positivismo e onde se encontra a Psicologia Cognitiva – como a própria Psicologia enquanto ciência independente, cujo projeto epistemológico se fundamentou para solucionar o conflito com a filosofia moderna da qual herdara seu conhecimento até então. Diante disso, busca esclarecer sobre os erros da aquisição do conhecimento e o estabelecimento de invariantes da cognição enquanto leis científicas para regular a veracidade do conhecimento, o uso do aparato cognitivo para solução de problemas. Assim pode ser entendido o afeto de angústia para o Cognitivismo e suas vertentes na Psicologia: um problema a ser solucionado. A abordagem da Psicologia Cognitiva sobre o afeto de angústia é descritivo, ocupada em

circunscrever sua ação em sensações corpóreas, muitas vezes associadas a uma psicopatologia constituída ou mesmo à antecipação de uma, aproximando-se da definição psicanalítica de angústia-sinal. Para resolver o problema da angústia, a Terapia Cognitiva indica mudanças no padrão mental a partir de auto-diretrizes, técnicas de respiração e relaxamento.

Entretanto, as Ciências Cognitivas não se restringem a este ramo de atuação e este tipo de desenvolvimento. Elas, em geral, têm-se ocupado em desvendar os liames do funcionamento mental, de forma a produzir terapêuticas e estratégias para aumentar a capacidade mental, a quantidade de informação adquirida e a qualidade e a fidedignidade desta informação. A capacidade de resolução de problemas configura um índice de determinação de padrões de inteligência, medidos através de uma bateria de testes, tais como o de raciocínio lógico, por exemplo. Vai regular estratos dos mais diversos na área da cognição e demandar toda uma tecnologia de otimização do uso dos elementos cognitivos desde os processos de produção de conhecimento até os de produção artística. A matriz epistemológica constitutiva do Cognitivismo dedica seus esforços em conhecer o mundo para dominá-lo e transformá-lo, assim como, de forma análoga, as Ciências da Cognição se empenham em fazer do sujeito algo pleno de capacidade de apreensão deste mundo como objeto. O problema são as variações deste objeto, bem como sua multiplicidade constitutiva. Para isso, estabeleceu-se que o papel fundamental do pensamento humano seria o de classificar, categorizar por semelhanças atribuídas homogeneamente a partir do próprio raciocínio. O bom raciocínio discrimina, reconhece, classifica, ordena o mundo com correção, não deixa escapar um só fenômeno sob sua análise, desde a percepção mais trivial até a operação mais complexa. As pesquisas nesta área atribuem ao pensamento a tarefa de intelectual, da inteligência, seu espaço de mensuração. A inteligência ocupa lugar de destaque nas Ciências da Cognição em geral, os demais elementos da cognição ficam submetidos à inteligência e sua tarefa de solucionar problemas, dentre elas a percepção, a memória e, sobretudo, a atenção. A atenção serve como direcionador da cognição para fora, para os objetos, sendo que é na plenitude de seu funcionamento, na capacidade de dirigir as percepções e apreender os objetos, que vai se definir o caminho a ser tomado pelo restante do aparato cognitivo, como no esforço de memorização ou ainda nas distinções captadas pelos órgãos do sentido. Mas não é somente voltada para fora do corpo que a atenção se dirige, ela se concentra em captar sinais corpóreos quando algo não vai bem, seja algo orgânico ou afetivo. A orientação ligada ao raciocínio opera buscando soluções para estas afecções indesejadas. Assim, procede a atenção no encontro com a angústia, mas diferentes das afecções em geral,

a angústia não oferece um caminho de solução tão óbvio, o que poderia levar o sujeito recorrer para soluções próteses, nem sempre eficientes no sentido de restabelecer a regulação normal do corpo e da própria cognição. Para tanto, as Ciências Cognitivas vêm buscando desenvolver técnicas de utilização dos elementos cognitivos que permitam solucionar estes problemas, ou ao menos diminuir os “ruídos” produzidos pelas afecções nos sistemas cognitivos.

Da memória, por exemplo, sabe-se que sofre interferências importantes tanto no processo de aquisição e armazenamento de informação quanto seu acesso pelo mecanismo de evocação. Isso ocorre porque os esquemas mentais, utilizados para tornar o conteúdo da informação acessível e assimilado, operam a partir de representações, que são carregadas de implicações emocionais. Para a Neurologia, estas implicações emocionais tornam a tarefa da memória tão difícil ao ponto de desencadear o fenômeno das falsificações. Falsificações atuam como mecanismos de defesa que nosso cérebro produz misturado nas memórias verdadeiras, confundindo-se com estas, seja para encobrir uma lembrança real danosa, seja para preencher uma memória que se apresenta incompleta e se exige uma produção para que faça sentido, para ser coerente (Izquierdo, 2004). Assim, tem-se uma idéia dos processos criativos da memória e sua interferência na atividade reflexiva, que acabam por produzir dúvidas a respeito de um fato presenciado, testemunhado ser verdadeiro ou não, não se sabe se aquilo foi apreendido perceptivamente ou criado pela mente. Nesta mesma esteira das Ciências Neurológicas, o neurocientista Iván Izquierdo vai mais fundo na capacidade criativa da memória. A partir de evidente elogio ao esquecimento em sua obra intitulada “A arte de esquecer”, ele conclui que “graças à prática incessante da arte de esquecer, consciente ou não, nosso acervo de memórias consiste mais de fragmentos ou de memórias extintas ou quase extintas do que de memórias reais e completas”. Logo em seguida o autor afirma a produção artística possível da composição destes fragmentos e das ações, não de memorização, mas de esquecimento (2004, p. 107).

A positividade de certas interferências pode ser conjecturada baseada nas núpcias das emoções com os processos cognitivos, mesmo que seus funcionamentos se façam desvirtuados, desregulados, instáveis, visando um objetivo “maior” que é a saúde mental, sua harmonia. Entretanto, trata-se sempre de uma economia, de uma negociação entre o incômodo afeto e o aparelho cognitivo, parece que, assim como na Psicanálise (a sublimação é um mecanismo de defesa), a atitude defensiva, reativa diante do mal estar, da angústia é o princípio. A crítica de Izquierdo (2004) ao manejo do recalque pela Psicanálise, de que se deve deixar esquecer aquilo que foi reprimido para que sejam evitados inconvenientes, provavelmente decorre de todo um aparato tecnológico e psicofarmacológico

existente no tratamento dos efeitos dos sofrimentos psíquicos, de onde o alívio pela solução da conflitiva prescindiria do acesso aos seus desencadeantes originários, ao conteúdo inconsciente recalçado.

Contudo, salienta-se, aqui, a capacidade criadora dos processos cognitivos em seus funcionamentos menos alardeados, menos habituais e utilitários na sociedade contemporânea. Em relação a isto, o autor comenta que, para a saúde da própria memória nos tempos atuais, com a velocidade e quantidade de informação acessada, há de se utilizar do esquecimento como forma de dar um basta nesta enxurrada de signos apresentados. Com isso, inicia uma aproximação com a “ontologia do presente”, à medida que foram apresentados funcionamentos disruptivos de elementos da cognição em relação ao contemporâneo, ainda que se permaneça no rigor metodológico das descobertas científicas e na linearidade evolutiva e cumulativa, característicos desse tipo de conhecimento, explorando os limites da “analítica da verdade”.

Se retomado o tema da inteligência no contexto dos dias atuais, com a aceleração e quantidade de informação, às exigências do mercado de trabalho, fica perceptível a importância de estudos das Ciências da Cognição para produzir sujeitos cada vez mais qualificados e atentos à demanda no serviço. Deles se exige um aprimoramento constante dos processos cognitivos, uma atenção cada vez maior na tarefa, no objetivo. Em uma análise crítica ao que tradicionalmente se entende por inteligência, Pierre Lévy (1993) distingue o construto de que sujeito e objeto são colocados externamente entre si para descrever a articulação da subjetividade com as tecnologias cognitivas. O sujeito inteligente só o é em função de uma coletividade, de um grupo que constitui uma linguagem, uma série de tecnologias da linguagem que produzem um modo de pensar onde o sujeito inteligente é um terminal, um produto deste processo. Este sujeito se traduz em atualização de virtualidades coletivas, em que “fora da coletividade, desprovido de tecnológicas intelectuais, ‘eu’ não pensaria” (Lévy, 1993, p. 135). O autor sugere o termo “ecologia coletiva” para designar o estudo das dimensões técnicas e coletivas da cognição, visando inscrever a subjetividade neste processo tomado na multiplicidade que o caracteriza, refutando os fatos científicos mais concretos ou os objetivos técnicos mais funcionais, que foram, na verdade, “resultado provisório de associações contingentes e heterogêneas” (Lévy, 1993, p. 137). A “ontologia do presente” encontra nas teses de Lévy (1993) uma forma de expressão, pois instaura a construção continuamente provisória dos conceitos. Com isso, a dimensão do tempo compõe o mundo cambiante, no sentido de sua diferenciação complexa, abarcando o mundo em sua heterogeneidade constituinte e não mais como recorte, fragmento congelado. As tecnologias da informação

refletem estas relações com o tempo, apresentando a todo instante novas representações de mundo e de modos de existência neste mundo; representações estas não unívocas, mas multifacetadas, concorrentes, mas, sobretudo presentes no mesmo plano, exigentes de atenção.

Com tanto tempo dedicado às estimulações do trabalho, sobra pouco tempo para si, que passa a ser compensado com a aceleração da disponibilização das subjetividades ‘prêt-à-porter’, dando idéia de que dispensou cuidados consigo, quando meramente protegeu seu ego do não reconhecimento operado pela angústia. No próprio estudo das cognições o conceito de angústia é freqüentemente pareado com os de terror, agonia, medo e pavor, mas diferencia em relação aos efeitos, à interrogação do “e agora?”, mobilizando elementos como a atenção e o raciocínio diante do fator ansiogênico para a resolução do problema, problema este que não se sabe a causa, nem tampouco onde está. A tensão provocada no corpo pelo afeto de angústia age desconforme o esforço racional, é outro “ruído” exigindo uma atenção maior, uma atenção ao corpo, pois nele se inscreve a afecção, ao que se responde com técnicas de respiração e relaxamento. O embate entre afecções e o funcionamento das estruturas cognitivas não atende à lógica do equilíbrio, onde se tem a impressão de que a consciência sempre chega depois.

Ainda assim, há a alternativa dos elementos da cognição trabalharem de uma outra forma, na esteira das propostas de Lévy (1993), que se insinua menos pretensamente estruturada e equilibrada (Kastrup, 2007). A atenção exigida no sinal de angústia poderia se propor a demarcar a irrupção de um outro tempo, intensificando a angústia numa duração, apreendendo a memória na produção de sentidos, ou seja, potencializando a memória como criação, pois ela não restitui uma lembrança idêntica; a ação do tempo na memória é, fundamentalmente, cambiante, a arte de esquecer e inventar realidades. De forma análoga, o sinal de angústia viria a demandar este exercício na invenção de sentidos existenciais, nos cuidados de si. Para tanto, as próprias funções estruturantes e de equilíbrio dos processos cognitivos necessitam ser problematizadas, alterar sua organização, seus agenciamentos, o que leva, inevitavelmente, a se pensar a partir de outro modo a compreensão de sujeito, pensar em termos de produção de subjetividade.

A noção de sujeito versus objeto não resiste à de produção de subjetividade porque ela é produto desta. A subjetividade, antes de mais nada, é produção e não produto (Guattari & Rolnik, 2000). Tende-se, atualmente a falar em “minha subjetividade”, a “subjetividade desse ou daquele grupo”, quando, na verdade, está-se falando em identidade, personalidade ou qualquer tipo de codificação, rótulo que se queira imputar. A relação sujeito-objeto provém de uma produção de subjetividade, de uma convenção, um

modelo para fazer funcionar uma maquinaria que decanta as noções de sujeito e objeto. Como já fora antecipado, parte-se de uma noção de produção de subjetividade em que os sujeitos são terminais, finalidades e não princípios.

Assim, não há a idéia corrente de um sujeito pré-definido em relação a seu objeto, mas de subjetividades pré-individuais que vez por outra tomam contornos individuais em função de agenciamentos que produzem a subjetividade. Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade:

Para mim, os indivíduos são resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. (...) A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade de agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (Guattari & Rolnik, 2000, p. 31)

Mesmo os processos de natureza não-representacionais devêm de agenciamentos coletivos de enunciação que produzem toda maquinaria de sistemas de sensibilidade, que não têm a ver com categorias naturais universais, mas circunscritas a uma dada realidade produzida regionalmente e globalmente. Não há, pois, um ouvido que escuta uma música ou um olho que assiste a um espetáculo, há uma composição, um agenciamento que produz uma afetação a partir de zonas de indeterminação em que com todo aparato cognitivo e semiótico vai se diferenciar, distinguir os órgãos do sentido e as funções mentais. Quando se fala dos fenômenos transicionais, atenta-se para a constatação da produção de subjetividade que se processa nestas zonas de indiferenciação em que ainda não se determinou os limites do corpo, daquilo que é interno e externo. O que ocorre, contemporaneamente, com muita freqüência e com velocidade vertiginosa, é a organização prévia da cognição com suas funções definidas, tal como a da inteligência e a solução de problemas, produção de sentido, produção de mundo, produção de si.

Considerações Finais

O problema da angústia, assim como na invenção de problemas, não exige solução porque também não busca uma finalidade utilitária. A angústia para a Psicanálise freudiana é a marca, o sinal do desassossego, um excesso que não encontra paragem. Por mais que se queira embotar um objeto, um objetivo, ela é anterior ao objeto, anterior a relação objetal por ser pré-individual, circunscrita na relação intensiva com o mundo a ser criado.

Ao estudar a relação mãe-bebê, viu-se diante de um bebê que não se configura em sujeito, se encontra diluído na pré-individualidade da união com a mãe,

sem distinguir aquilo que pertence a si e ao outro, ao objeto. Na radicalidade do pensamento winnicottiano pode-se inferir que, na realidade, o trauma não é tanto a separação com a mãe, mas a instauração de uma relação objetual, artificialmente estabelecida, imposta. Não há relação sujeito-objeto natural, inata, a priori. O terror original, portanto, não é a separação do objeto, mas o surgimento do próprio objeto e a repetição das relações objetais no decorrer da vida, pois ao invés de se reconhecer a subjetividade enquanto essencialmente pré-individual, reconhece-se distinto, separado, independente, purificado. A modelação da subjetividade coloca não a falta, mas a promessa de completude no outro. Assim, a angústia seria excesso à medida que se impõe a ele a necessidade de um objeto, sinalizando, sim, suas experiências pré-individuais que se desacomodam, que perturbam. É do ser humano essa instância pré-individual, assim como também o é a afecção da angústia como atualização dos processos pré-individuais em desacomodação, pois não é do humano esta individualidade acabada em si mesmo, unidade de medida e mensuração. O que deveria ser a marca do terror, do perigo, converte-se, assim, em sinal de mudança, de devir. Excesso como vontade de potência, de expansão e não de completude.

Nietzscheamente, um “sim” às forças constitutivas da vida, com suas vicissitudes, alegrias, dores e sofrimentos, seria importante como ética, que apontaria para a apreensão de um inconsciente como potência subversiva, onde o esquecimento funcionaria diferenciado do recalque neste inconsciente ativo. O esquecimento viria a “digerir”, processar a experiência e não rejeitá-la (Naffah Neto, 1991). Todavia, não basta tão somente a mudança de sentido na apreensão da angústia, de negativa para positiva, deve elaborá-la, pois esta é a exigência desta afecção, uma recriação de si que não se esgota em um planejamento racional de uma profunda análise do ego, mas de atenção sensível às forças de fora que compõem este si.

Assim, propõe-se uma desaceleração do ritmo com que se leva a vida na modernidade nesta constante exigência por filiações reterritorializantes e identificações consumíveis que aplacam esta angústia rapidamente, bem como outras aplicações dos elementos de cognição, explorando os limites marginais destes elementos, como na “arte de esquecer”, acolhendo a angústia a serviço da inventividade de si e do mundo. O que se indica é a reapropriação destes componentes da subjetividade exatamente no ponto em que as estruturas caducam,

ou seja, na angústia. Reapropriar para colocar à disposição de mecanismos de expressão e criação autopoietica, segundo conceito de Varela e Thompson (2003), resistindo à edipianização que repete a mesma história da perda a cada sinal de angústia. A intensificação da angústia a partir desta reapropriação dos elementos cognitivos, se deixando capturar na atenção de si, encontra no pensamento como ação, imanente, agenciamentos com a alteridade, potência de produzir sentidos, de entrar em devires.

Referências Bibliográficas

- Foucault, Michel (1984). Qu'est-ce que les Lumières? *Magazine Littéraire*, 207. Acessado de <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/iluminismo.pdf>
- Freud, Sigmund (1972a). Projeto para uma Psicologia Científica (1895). *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1972b). Inibições, sintomas e ansiedade (1926). *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1972c). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1972d). Mal estar na civilização (1930) *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1972e). O futuro de uma ilusão (1927) *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1972f). A dinâmica da transferência (1912) *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Freud, Sigmund (1972g). Esboço de psicanálise (1940) *Obras Psicológicas Completas* (1ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Giácóia Jr., Oswaldo (2001). *Nietzsche como psicólogo*, (1ª Ed.). São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos.
- Guattari, Félix; Rolnik, Suely (2000) *Micropolítica: Cartografias do desejo*, (6ª Ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Izquierdo, Ivan (2004). *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*, (1ª Ed.). Rio de Janeiro: Vieira & Lent.
- Kastrup, Virgínia (2007). *A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*, (1ª Ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Lévy, Pierre (1993). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, (1ª Ed.). São Paulo: Ed. 34.
- Naffah Neto, Alfredo (1991). *O inconsciente como potência subversiva*, (1ª Ed). São Paulo: Escuta.
- Organização Mundial da Saúde (1997). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*, (1ª Revisão). São Paulo: EDUSP.
- Varela, F., Thompson, E., Rosh, E. (2003). *A Mente Incorporada*, (1ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1975) *O brincar e a realidade*, (1ª Ed.) Rio de Janeiro: Ed. Imago.

Recebido: 10/05/2010
Última Revisão: 10/06/2010
Aceite Final: 15/06/2010

Sobre o autor

Luiz Carlos Teixeira Bohrer - Doutorando em Psicologia (UFRJ), Mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP), Psicólogo Clínico – CRP 07/11256
E-mail: lucarb@bol.com.br